**ESTADOS UNIDOS /** Na varredura promovida pela "onda azul", democratas quebram tabus em território republicano e elegem mulheres, negros, latinos, indígenas e muçulmanos para cargos que nunca tinham ocupado no país

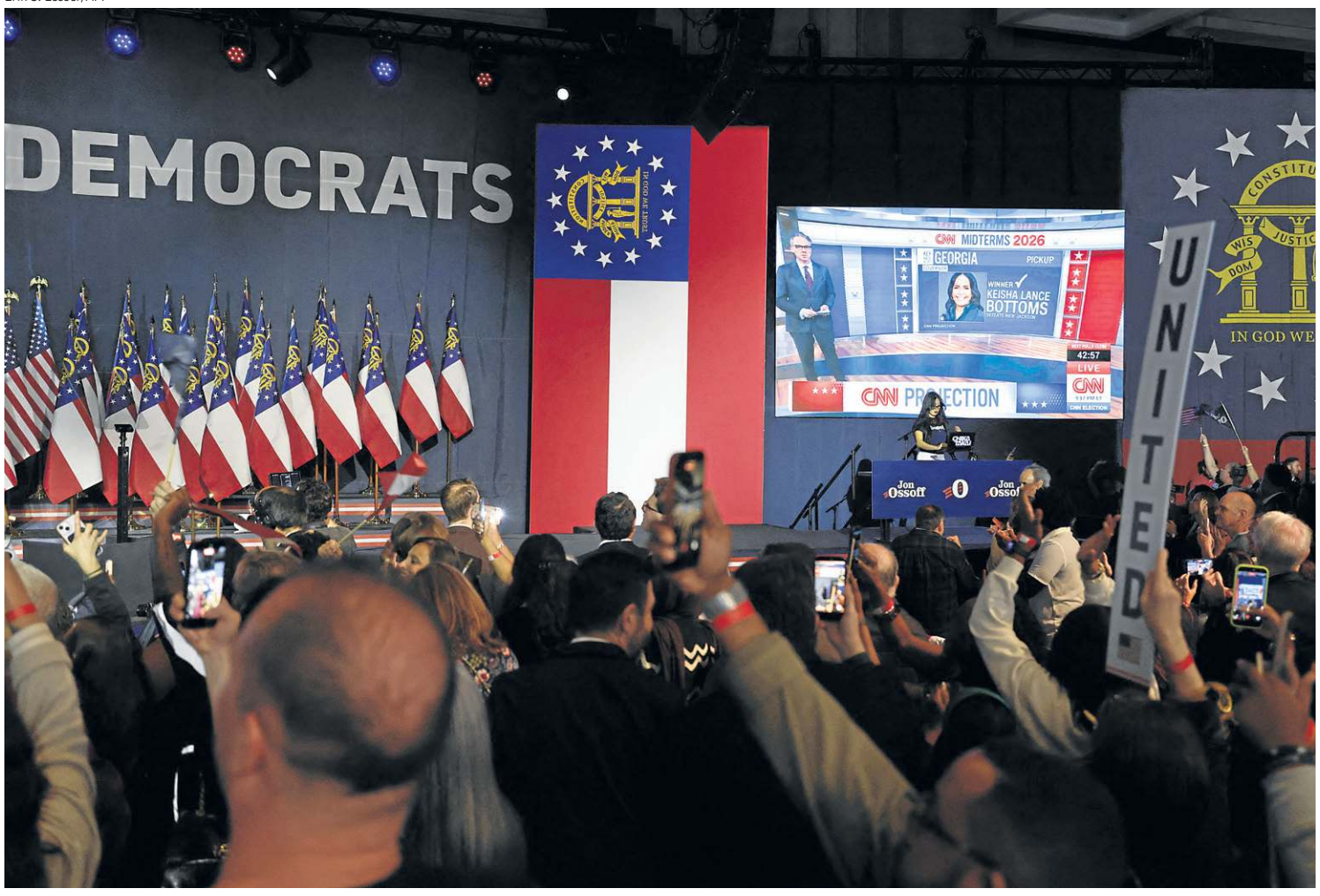
# Vitórias da diversidade

» SILVIO QUEIROZ

A "onda azul" que varreu os Estados Unidos na noite de terça-feira trouxe, ao lado da rejeição ao presidente Donald Trump e ao Partido Republicano, a ascensão política de personalidades políticas até então excluídas do cenário do poder. Mulheres, negros, latinos, indígenas, muçulmanos: entre representantes no Senado ou mesmo govenadores de estados, além de congressistas, eles desbravam caminhos para suas comunidades em um universo institucional até então adverso. E, embora eleitos principalmente pela oposição democrata, emergem também nas fileiras governistas, quase como efeito colateral de mudanças que fermentam há décadas nas camadas mais profundas da sociedade.

O exemplo talvez mais eloquente — e, certamente, um dos mais comemorados — é o da governadora eleita da Geórgia, Keisha Bottoms. Não apenas ela é a primeira mulher a governar o estado: é também a primeira mulher negra eleita para governar alguma das 50 entidades federativas dos EUA. Representante dos descendentes de escravos que fizeram a fortuna de gerações de fazendeiros brancos, representa uma trajetória retratada, na literatura e depois no cinema, no romance *E o vento levou*, um clássico de Hollywood, ambientado justamente na Geórgia.

Erik S. Lesser/AFP




**Democratas comemoram a eleição de Keisha Bottoms, primeira mulher e primeira negra a governar a Geórgia, de longa tradição escravista**

## Pioneirismo

Na vizinha Flórida, foi ao Partido Republicano que coube o pioneirismo racial, com a eleição de Byron Donalds. Lá, o destaque foi o fato de que a disputa real pelo governo estadual se deu com outra política negra: Angie Nixon, ligada à ala mais à esquerda do Partido Democrata. Com a eleição de Donalds e Bottoms, serão cinco os políticos negros à frente de algum dos 50 estados dos EUA, ao lado dos atuais titulares de Maryland, Wisconsin e Nevada — os três, democratas.

A oposição, arejada pelo engajamento inusitado de jovens e outros setores sociais menos representados na vida institucional, marcou pontos também na questão sensível dos povos originários, cujos remanescentes tateiam oportunidades para ocupar posições. Na histórica eleição de terça-feira, ao menos dois deles fizeram história. No Novo México, na fronteira sul do país, a democrata Deb Haaland tornou-se a primeira indígena eleita para governar um estado. No extremo oposto, onde os EUA encontram o Canadá, outra democrata Penny Flanagan, tornou-se a primeira indígena eleita para uma cadeira no Senado.

Abdul El-Sayed, médico de 42 anos, será outro pioneiro levado ao Congresso pelos democratas: ligado à ala esquerda do partido, em especial ao recém-empossado prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, ele superou até mesmo a traição da rival nas primárias do partido, às vésperas da votação, e se elegeu senador pelo estado de Michigan. El-Sayed será o primeiro muçulmano confesso a legislar na câmara alta do Congresso norte-americano.

Jeff Kowalsky/AFP




**Abdul El-Sayed, eleito no Michigan: primeiro muçulmano no Senado**

Austin Johnson/AFP



**Adam Hamilton, primeiro democrata pelo Kansas em um século**

Também no Senado, outro democrata eleito na terça-feira fará uma estreia, em outra face do mosaico social e cultural que dá identidade aos EUA. Chris Pappas, vitorioso em New Hampshire, tornou-se o primeiro senador publicamente assumido como homossexual. Disputando uma cadeira vaga, ele derrotou nas urnas o republicano John Sununu, ex-titular do mandato que tentava recuperar para a legenda do presidente Donald Trump.

## Barba e cabelo

Mas foi talvez no Texas, segundo estado mais populoso do país e território sólido do Partido Republicano que a oposição fez história de maneira mais estridente. De saída, o Partido Democrata elegeu para o senado um político jovem de origem mexicana, até então apenas um deputado no Legislativo estadual. James Talarico, educador de 37 anos, engoliu o favoritismo do titular da cadeira, Ken Paxton: com 55% dos votos, contra 43% do adversário, tornou-se o primeiro democrata eleito senador pelo estado desde 1988.

No "feudo" da família Bush, domicílio eleitoral de dois presidentes republicanos — George pai e filho —, a hostilidade de Donald Trump aos imigrantes permitiu à oposição fazer "barba e cabelo", como se diz no Brasil. Além de capturar a cadeira no Senado, elegeu a descendente de mexicanos Gina Hinojosa não apenas como a primeira mulher a governar o estado, mas também uma pioneira no cargo entre os descendentes de mexicanos.

Em matéria de quebrar tabus, no entanto, o recorde cabe a um vitorioso que fez história no Kansas, estado do centro-oeste com sólida tradição republicana. O pastor metodista Adam Hamilton é o primeiro democrata eleito ali para o Senado em quase um século. Antes, em 1932, o Partido Democrata havia elegido George McGill. Com 52% dos votos, ele destronou o republicano Roger Marshall, que saiu das urnas com 45%.

## Da imigração às assembleias

Sete brasileiros saíram vencedores das eleições de meio de mandato dos Estados Unidos e atuarão nos legislativos locais de quatro estados. Todos são democratas. Quatro foram eleitos em Massachusetts, que tem a segunda maior concentração de brasileiros do país: Priscila Sousa, Rita Mendes, Lorena Betts e Danillo Sena. Três conseguiram a reeleição.

Farley Santos, de Connecticut, também foi reeleito, assim como Elaine Marzola, de Nevada. Felipe Sousa-Lazaballet disputou pela primeira vez e conquistou uma vitória difícil na Flórida, estado predominantemente republicano. Rita Mendes, reeleita para o terceiro mandato em Massachusetts, enfrentou um grande desafio: convencer eleitores brasileiros no estado onde Flávio Bolsonaro (PL) venceu a corrida presidencial.

A mato-grossense Lorena, eleita para o primeiro mandato no mesmo estado, sabe bem o que é ser imigrante. Ela chegou aos EUA para trabalhar como babá. "Sonhamos com algo, mas ganhamos muito mais. Vimos que as pessoas realmente se importam e se organizaram", conta. Entre as causas pelas quais luta, a imigração é a principal. "Há uma mensagem muito clara dessas eleições: o status atual, a forma como as pessoas e as comunidades são tratadas, não é aceitável", diz.

O fluminense Felipe Sousa-Lazaballet se elegeu na Flórida e festejou nas redes sociais. "Cheguei aqui sem documentos, sem nada em meu nome, e agora terei o privilégio incrível de lutar pelos meus amigos e vizinhos", escreveu. Ele foi beneficiado pelo programa Deferred Action for Childhood Arrivals (Daca), sigla em inglês para Ação Diferida para Chegadas na Infância, criado durante o governo do então presidente Barack Obama — do Partido Democrata. Em 2020, obteve o green card, e no ano seguinte, a cidadania norte-americana.

Será a primeira vez que o Legislativo da Flórida terá um brasileiro. Em Massachusetts, outros dois conseguiram cadeira para um mandato de dois anos, que começa em janeiro: o pernambucano Danillo Sena, reeleito, e a mineira Priscila Sousa. Em Connecticut, o mineiro Farley Santos, que chegou aos EUA ainda menor de idade e percorreu o caminho que muitos imigrantes viveram, também saiu vitorioso. Em Nevada, a fluminense Elaine Marzola ganhou novo mandato no Legislativo estadual.

# Aliados e adversários saúdam a democracia

Às voltas com a ameaça de uma nova onda de ataques de grande escala por parte dos Estados Unidos e de Israel, o Irã recebeu como uma vitória o resultado das eleições legislativas norte-americanas — uma dura derrota do presidente Donald Trump. "Seja por consciência ou pelo custo de vida, os americanos disseram não à guerra, e apoiamos essa mensagem", escreveu, na rede social X, o principal negociador de Teerã nas conversações indiretas com Washington, Mohamad Bagher Ghalibaf, presidente do parlamento.

O líder supremo da República Islâmica, o aiatolá Mojtaba Khamenei, alertou os que "se enganam" esperando uma inflexão por parte dos EUA. "Aqueles que alimentam a menor esperança de ver o comportamento do sistema hegemônico mudar graças a mudanças partidárias estão gravemente enganados", declarou, em um comunicado.

Em Israel, que acaba de eleger o novo parlamento, há uma semana, o líder do bloco de oposição, Gadi Eisenkot, rival do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, comprometeu-se a fortalecer os laços com os EUA, caso se torne chefe de governo nas negociações abertas para tentar compor o novo gabinete.

"Sob a minha liderança, renovaremos e fortaleceremos essa parceria e consolidaremos as bases bipartidárias que a sustentaram por muito tempo", declarou Eisenkot, no X. O general, ex-comandante das Forças Armadas, espera "trabalhar de forma construtiva" com Donald Trump para "fortalecer a estabilidade regional" no Oriente Médio.

## Europa

"O presidente Trump aceitou os resultados, e acredito que o mundo tem agora a oportunidade de se unir em torno da questão que está afetando a todos nós, que é o custo de vida", ponderou o primeiro-ministro britânico, o trabalhista Andy Burnham. "Isso será impossível enquanto não for resolvido o conflito no Oriente Médio, assim como o da Ucrânia, desencadeado pela Rússia", acrescentou.

Alfredo Estrella/AFP



**Claudia Scheinbaum, presidente do México: orgulho latino**

A ampla vitória dos democratas foi recebida como "uma notícia muito boa para a democracia americana" pelo ministro francês das Relações Exteriores, Jean-Noël Barrot. "É uma nova demonstração de que, em uma democracia, é o povo quem escreve a própria história", frisou. "Ninguém, nem os algoritmos, nem os interesses privados, pode fazer isso em seu lugar." O ministro alemão das Relações Exteriores, Johann Wadephul, celebrou a "mudança" e expressou a esperança de que sejam lançadas novas iniciativas para resolver os dois conflitos

A "onda extrema" está "desmoronando", comemorou o chefe de governo da Espanha, o socialista Pedro Sánchez. "Ontem, a sociedade americana votou contra políticas que só empobrecem. Contra o ódio, contra o machismo, contra o negacionismo climático e os privilégios das elites", escreveu em plena campanha para as eleições legislativas antecipadas de 29 de novembro.

## Mexicanos

"Gostaria de destacar a vitória de duas pessoas de origem mexicana, que são o governador eleito da Califórnia e a governadora eleita do Texas", declarou a presidente esquerdista do México, Claudia Sheinbaum, em referência aos democratas Xavier Becerra e Gina Hinojosa.

"Independentemente do resultado da eleição, buscamos sempre a melhor relação com os EUA, garantindo o respeito à nossa soberania e à integridade territorial, em uma colaboração sem subordinação", acrescentou, em sua coletiva de imprensa diária.